

# **duas mulheres em uma**

**Nawal El-Saadawi**

Tradução **Beatriz Negreiros Gemignani**

*Para todos os rapazes e moças na flor da idade:  
que percebam, antes que seja tarde demais, que  
o caminho do amor não é coberto de rosas e que as  
flores em botão, quando se abrem à luz do sol pela  
primeira vez, são atacadas por enxames de abelhas  
que sugam suas pétalas macias. Se as flores se  
rendem, são destruídas, mas, se resistem e trocam  
suas pétalas macias por espinhos afiados e pontudos,  
conseguem viver em meio às abelhas famintas.*

**Nawal El-Saadawi**

março de 1975

Era dia 4 de setembro. Ela pôs o pé direito na borda da mesa de mármore e o esquerdo no chão. Uma postura que não condizia de modo algum com o fato de ser mulher — ainda não era uma mulher aos olhos da sociedade; tinha dezoito anos. As roupas das moças naquele tempo não lhes permitiam aquela postura. As jovens vestiam um tipo de saia que envolvia as coxas, apertando-as, e se estreitava nos joelhos, e assim as pernas ficavam sempre coladas, quer as moças estivessem sentadas ou de pé. Mesmo quando elas andavam, as pernas nunca se separavam como na passada comum dos seres humanos. Executavam, em vez disso, um movimento circular estranho: os pés se moviam pelo chão, enquanto as pernas permaneciam coladas e os joelhos grudados, como se comprimissem entre as coxas algo que tinham medo de deixar cair.

Ela — apesar de ser uma jovem — ficava aturdida e desejava saber o que era essa coisa que podia cair de uma moça assim que afastasse as pernas. Com uma curiosidade natural, seus olhos estavam sempre investigando e observando aquele movimento de minhoca das moças quando andavam.

Sua aparência não era muito diferente da das outras, porém ela vestia calças e tinha pernas longas, com ossos sólidos

e músculos fortes. Conseguia avançar quando andava, movia as pernas com liberdade e as separava com confiança.

Ela estava sempre entre as moças, em escolas e classes de meninas. Até seu nome se encaixava nas especificações de menina: Bahiya Chahin. Bahiya, que terminava em “a”, um signo que a vinculava à categoria de menina como uma marca a ferro e fogo.

Como a mente humana era incapaz de compreender a verdade das coisas, ela ficou conhecida por todos como Bahiya Chahin. Contudo, sua verdade não era conhecida por ninguém.

As pessoas ficavam aturdidas quando ela andava: havia uma distância visível entre um joelho e outro. Bahiya reparava que fitavam essa distância, mas, fingindo não notar, prosseguia sua caminhada, movendo as pernas e separando-as. Avançava, com veemência, cada pé no chão — uma força que, sem dúvida, percebia não pertencer a Bahiya Chahin.

Naquele dia, ela completava dezoito anos. Estava em sua postura natural — anormal na visão da sociedade —, o pé direito na borda da mesa de mármore e o esquerdo no chão. Uma postura que nenhuma moça daquele tempo conseguia manter — tampouco um moço —, pois demandava pernas com um alto nível de confiança na flexibilidade dos músculos e na força e solidez dos ossos. Na maioria dos casos, as pernas dos moços eram tortas, devido à desnutrição na infância, e eles não tinham capacidade de erguer um pé e apoiá-lo na borda da mesa alta de mármore enquanto mantinham o outro pé no chão. O máximo que conseguiam fazer era erguer um dos pés e apoiá-lo na borda do banquinho baixo de madeira. Ela via a maioria dos moços ficar naquela posição, que era a normal e permitida para o sexo masculino.

O único que conseguia levantar mais o pé e apoiá-lo na borda da mesa era o dr. Alauí, o professor de anatomia. Ele

passava pelas mesas com seu jaleco e os óculos brancos. Quando parava diante de uma mesa, os alunos baixavam o pé dos banquinhos, ajeitando-se numa posição ereta diante dele, as pernas quase coladas. O professor, por outro lado, erguia o pé para o alto, no ar, apoiava-o com toda a confiança na borda da mesa e mirava fixo nos olhos dos estudantes, com olhos azuis que não piscavam.

Quando ele parava na mesa de Bahiya, ela não baixava o pé. E quando ele cravava os olhos azuis nela, Bahiya fixava os olhos pretos nele. Ela sabia que a cor preta era mais forte do que a azul — ainda mais nos olhos. O preto era a origem, a raiz abismal extensa nas profundezas da Terra.

Entre os dedos branco-avermelhados do professor, sobressaía o fórceps de metal, que ele mergulhava na barriga aberta do cadáver — ou no braço, na perna, na cabeça, no pescoço. Agarrando uma coisa qualquer com as extremidades finas do fórceps, perguntava com uma voz estridente: “O que é isto?”. Sempre escolhia as coisas menores e mais finas. Uma veiazinha que corria sob um pequeno músculo, uma artéria fina escondida numa dobra de pele, um nervo, delicado como um fio de cabelo, que mal podia ser retido pelo fórceps.

Elas eram oito moças ao redor de um cadáver. Uma ou duas sabiam de cor e salteado o nome de veias, artérias e nervos. Assim que o dr. Alauí perguntava: “O que é isto?”, ressoava no necrotério uma voz feminina — estridente e baixa ao mesmo tempo — com o nome correto.

Todas as vezes ele olhava para Bahiya, esperando que respondesse, provando-lhe que sabia a resposta. Porém, ela se recusava — sem saber por quê — a ser posta à prova.

Naquele dia, 4 de setembro, ela sentiu que algo importante aconteceria em sua vida. Todo ano, naquela data, ela era

tomada por esse sentimento. Quando abriu os olhos de manhã, viu o Sol brilhar de forma incomum e os olhos da mãe, mais penetrantes e brilhantes. Murmurou para si mesma: “Num dia como este, aconteceu uma coisa importante com minha mãe: ela me pariu”. E toda vez Bahiya tinha a sensação de que algo mais espetacular ainda do que ter nascido aconteceria naquele dia.

Quando Bahiya sussurrava esse pensamento no ouvido da mãe, ela ria com aquela risada feminina comum naquele tempo, oculta na forma de suspiros intermitentes, e exclamava: “Deixe dessas asneiras, Bahiya!”.

A mãe não a compreendia. Quando Bahiya a via em seu lugar habitual na cama, rastejava em silêncio para ficar a seu lado, tomando o lugar do pai. E, assim como ela o via fazer, punha seus pequenos braços em volta do grande colo da mãe. Tinha certeza de que só o corpo da mãe a entendia. E ajeitava os braços grandes da mãe em torno de si com uma força extraordinária, que quase a esmagava.

Naquela época, ela lia histórias infantis e contos de fadas. Num desses contos havia um deus terrível, adorado pelas pessoas numa cidade mágica. Esse deus era capaz de pegar qualquer coisa sólida, apertá-la e, ao abrir a mão... eis que estava vazia!

Ela se sentia, de modo instintivo, incomodada diante dessa força que ameaçava sua existência; não a compreendia na infância, mas pouco a pouco passou a entendê-la. Mais tarde, percebeu que conhecera essa força desde o momento em que descobriu que tinha um corpo próprio, separado do corpo da mãe.

Esse momento estava sempre vivo em sua memória. A dor dessa lembrança foi como a de uma faca dilacerando

a carne, apesar de não ter sido uma dor verdadeira. Quando ela deu uma volta inteira com a mão em seu corpo autônomo, deu também um grande salto no ar, como um pássaro que voa de alegria. Mas ela não era um pássaro e caiu no chão, devido à gravidade da Terra. Desde aquela queda, conheceu o peso de seu próprio corpo, sabia que era mais pesado do que ela mesma, e que o chão a puxava com uma força maior do que a que tinha, como a dos braços da mãe, que a puxavam de volta. Com toda a força ela tentava fazer dos dois corpos uma coisa só — em vão, pois a separação eterna ocorrera num momento que passou e não voltará.

Desde a infância ela sentia a tragédia sobre seu corpo e a carregava consigo em cada passo, dentro de cada uma de suas células. Um desejo irrefreável de voltar de onde viera, de sair do campo da gravidade da Terra, de se tornar um corpo sem peso, sem superfície, sem limites externos que o separassem do entorno. Um desejo irrefreável de se dissipar como partículas de ar no universo e se desvanecer de modo completo e definitivo.

Ela fitava a imagem do deus do conto de fadas, examinava os grandes dedos que esmagavam as coisas com um simples aperto. Quando, de noite, acordava assustada, entrava sorrateiramente na cama dos pais, encaixando o corpo pequeno entre os corpos nus; porém, os grandes braços do pai a empurravam para longe, afastando-a com toda a força. A mãe olhava para ela com aqueles olhos pretos parecidos com os dela e dizia num tom carinhoso: “Vá para sua cama, Bahiya. Você já está grande”.

A voz da mãe era carinhosa. Bahiya sentia aquele carinho como dedos macios, que circulavam delicados por seu corpo, dando uma volta completa, como se desenhassem

suas linhas, seus limites com o mundo exterior. Ela chorava sozinha na cama por causa daquele carinho, que, ao tocá-la com delicadeza, certificava sua existência autônoma, seu ser separado. Soluçava com um choro oculto, que a sacudia e sacudia a cama. Um desejo irrefreável a consumia, o desejo de que esses dedos parassem com seu carinho falso, que a apertassem com uma força terrível, que a libertassem para sempre de seu corpo, fazendo dela e da mãe uma coisa só.

Fechou os olhos para dormir, mas não conseguiu. Foi tomada pelo medo de uma ideia estranha que lhe veio à mente: passaria a vida toda procurando esse momento ou fugindo dele. Escondeu a cabeça embaixo do cobertor, de tanto medo, e o quarto se encheu de fantasmas e deuses de contos de fadas, que abraçavam seu corpo para esmagá-lo; ela resistia com toda a força, dava pontapés e mordidas, gritava pedindo socorro ao pai e à mãe.

Seu grito não expressava um medo verdadeiro; era uma farsa que usava para enganar a mãe. Aprendera com ela a enganar; a mãe lhe mentia, dormia com ela em sua cama e lhe dizia que não a deixaria, mas, no meio da noite, Bahiya a sentia sair sorratamente da cama e ir para a cama do pai. Então, enganava a mãe, por sua vez; sabia como gritar com uma voz tremida que dava dó, e a mãe vinha dormir na cama dela.

A mãe não entendia o desejo da filha; enchia a boca dela de comida, mas, assim que dava as costas, ela cuspiam a comida no prato. Ficava espantada: como sua mãe não entendia, apesar de ter sido como ela? Certa vez, Bahiya lhe fez essa pergunta. A mãe respondeu que não se lembrava de nada; ela percebeu, então, que as pessoas esquecem de propósito as recordações verdadeiras, enchendo a memória de coisas que não aconteceram.



Bahiya anunciou, com a inocência das crianças, que descobrira que era uma menina, e não um menino, despindo-se para provar a verdade. No entanto, a mãe bateu na mão dela, gritando: “Prometa nunca mais fazer isso!”. Como ela não prometeu, a mãe bateu de novo, insistindo: “Prometa!”. Mas ela não disse nada. A mãe ergueu a mão no ar e lhe deu uma bofetada. Ela não abriu a boca para dizer que prometia; o que abriu foi a mente para uma verdade estranha. Percebeu, ao apertar os lábios e baixar a cabeça, que os desejos que as pessoas prometem deixar de realizar são os únicos verdadeiros, pois são fortes; diferentes dos desejos não verdadeiros, que são fracos e não precisam de regras que os proibam. Ela começou a vasculhar todas as proibições a seu redor para descobrir os desejos verdadeiros do ser humano. Tratava-se da busca para conhecer a verdade e nada mais; ela não queria nada mais do que isso.

Quando o dr. Alauí passou pela janela do necrotério com seu carro comprido, os olhos das sete colegas de Bahiya brilharam, as íris se movendo numa só direção. Porém, a íris preta enraizada nos olhos dela permaneceu focada naquela sensação estranha que a alertava de que tudo que era permitido não era verdadeiro. Uma das colegas cutucou seu ombro com um dedo pontudo: “Olhe!”. Ela levantou a cabeça em direção à janela e viu o carro comprido, do qual despontava uma cabeça com olhos azuis um pouco esbugalhados. O dedo pontudo a cutucou no ombro de novo: “O que você acha, Bahiya?”.

“A aparência dele não é verdadeira.”

A colega bateu nas costas dela com a palma macia e disse em tom sarcástico: “Você é um caso perdido!”.

E as sete bocas se abriram naquela risada feminina, oculta e intermitente, suspirando com uma privação incapaz de ser jamais saciada.

Bahiya ficou mais irritada com a privação delas do que com a risada; o sangue lhe subiu pelo rosto. Então, ela recolheu os bisturis e as ferramentas de autópsia, guardou-os na bolsinha de couro e saiu do necrotério. Andando ao ar livre, o cheiro de formol e dos cadáveres se esvanecia de suas narinas. Percebeu que não estava irritada com a privação delas nem com a risada; o que queria era murmurar ao ouvido de alguém sobre aquela sensação estranha que crescia como um feto em seu âmago ao longo do ano, acumulava-se dia após dia e se intensificava até atingir o auge todo dia 4 de setembro, certificando-lhe de que ela não era Bahiya Chahin.

Ela saiu da faculdade e caminhou pela rua Al-Kasr al-Aini; fitava os rostos como se buscasse o rosto verdadeiro dela. Parou na estação de bonde e percebeu que não procurava nada; estava exausta e com fome.

Sentou-se no bonde, com as costas coladas às costas de um homem; o rosto no rosto de um homem; à sua direita, um homem; à sua esquerda, um homem; e à sua frente, filas de homens sentados amontoados em silêncio. A metade inferior do corpo deles estava imóvel, petrificada nos assentos, e a metade superior balançava com um movimento lento e regular como o do bonde. Quando o bonde parava, a cabeça dava um solavanco para trás, fazendo-os abrir os olhos, assustados. Uma vez assegurados de que a cabeça ainda estava no lugar, fechavam os olhos e dormiam.

Todos eles eram funcionários públicos, pois a rua Al-Kasr al-Aini era abarrotada de ministérios e escritórios governamentais. O corpo deles tinha uma forma única, bem como

seus traços, ternos, dedos e sapatos, como se fossem moldados pelo governo, cunhados como moedas em peças cônicas similares. Seus ombros estavam aglutinados e pendiam meio frouxos, apesar do forro grosso do paletó, como se carregassem um fardo eterno, invisível aos olhos, mas absolutamente presente. A prova disso era que de tempos em tempos moviam os ombros — um indício de que passavam o fardo de um ombro para o outro.

Estavam dormindo, mas o movimento dos olhos sob as pálpebras revelava para ela que não se tratava de um sono verdadeiro. Quando abriam os olhos e a olhavam, ela percebia que seu despertar também não era verdadeiro, tornando tudo neles e ao seu redor não verdadeiro. Caso seus lábios se abrissem, exibindo a língua, ela não saberia dizer se sorriam ou faziam careta; se movimentassem os dedos ao subir ou descer do bonde, ela não saberia dizer se trocavam cumprimentos ou ameaças. Tudo se mesclava, a coisa e seu oposto se assemelhavam: o sorriso era como a careta; o cumprimento, como a ameaça; a verdade, como a mentira; a virtude, como o vício; e o amor, como o ódio. Os movimentos, os traços e os sentidos se pareciam tanto a ponto de ela se sentir sufocada. Ela estendeu o pescoço para fora do bonde e inspirou o ar da rua; retomando sua respiração calma, percebeu como os governos deformavam as pessoas. O homem adulto ficava do tamanho de uma criança, porém os ossos do crânio expunham sua idade verdadeira; o terno e a gravata sugeriam que era da classe governante, mas seu andar revelava a verdade: era da classe dos governados.

Ela os via em todos os lugares. Eles enchiam as ruas, lotavam os bondes, entravam e saíam pelas portas, em saguões e prédios, com seu corpo pequeno, os ombros largos estofa-

dos, o crânio grande, as costas curvadas e os lábios sempre abertos num sorriso feito careta ou numa careta que era um sorriso. Seres humanos transformados por um poder potente, por uma força terrível, não humana, que os transformava em criaturas não humanas.

Ela desceu do bonde e andou em direção à casa. Viu à distância um homem parecido com os outros homens de ombros largos, crânio grande e costas curvadas; ela desviou o olhar e apressou o passo para entrar em casa. Contudo, ele a chamou pelo nome. Bahiya se virou e viu o rosto do pai. Sem dúvida, ele identificou um forte terror no rosto dela, pois seus olhos se alargaram de surpresa, e ele perguntou: “O que você tem, Bahiya?”

Ela escondeu o rosto com a mão e disparou para casa.

Seu rosto ainda estava pálido quando a mãe abriu a porta; ela não notou a palidez da filha. Bahiya sempre estava pálida e era difícil para uma mulher como a mãe conseguir distinguir os níveis de palidez; era uma capacidade rara, que exigia a habilidade de fitar por um longo tempo, e a mãe não conseguia fitar o rosto dela. Seus olhos não sabiam lidar com o olhar fixo da filha, que tomou esse fato como uma prova de que a mãe a enganava desde a infância. O pai também a enganava: ele aparecia diante dela alto e corpulento, as costas eretas, a mão grande e forte, capaz de esbofeteá-la, mas era apenas mais um dentre os milhares de funcionários do governo.

Dezoito velas acesas sobre a mesa branca. A mãe enchia sua boca de doces, mas, assim que dava as costas, ela cuspiu tudo no prato. O pai sorria para ela, mas Bahiya duvidava de seu sorriso; o pai se tornara uma verdade duvidosa. A dúvida era

feito uma vela de chama vermelha com uma ardência incisiva como agulha. Ela ainda se lembrava da ardência que sentira no dedo, naquela mesma mesa, quando havia ali só uma vela. Tinha apenas um ano, via a chama vermelha nos olhos como parte dela; seu corpo pequeno e delicado rastejava no chão, colado como se fosse parte dele. Ainda não havia sido separada do universo e seu braço não conseguia dar uma volta completa em torno do corpo; seu braço era pequeno e seu corpo grande, vasto, parecia preencher a enorme distância entre o teto e o chão. Ao estender a mão para explorar as pernas, não sabia se eram suas ou da cadeira. E quando viu a chama vermelha nos olhos, não sabia se a luz era da vela ou deles; atormentada pela dúvida, quis se certificar e estendeu o dedo, que foi queimado pelo fogo. Assim ela conheceu a diferença entre a chama e seus olhos, e por meio da dúvida e da dor os limites de seu corpo foram se definindo e seus membros adquiriram uma forma própria.

Ela ouviu a voz da mãe do alto da mesa branca, atravessando dezoito línguas finas de chama: “Feliz aniversário, Bahiya!”. Ficou surpresa, não podia acreditar que chegara aos dezoito anos. O mundo deu a volta em si mesmo por dezoito anos? Ela não sabia de onde saíra essa pergunta, mas um fio de seda invisível atou seu ciclo com o do mundo. Ao fitar o disco lunar, viu fios de seda, que se estendiam como linhas que a puxavam para a Lua e que puxavam a Lua para ela; porém a gravidade da Terra era mais forte, e ela — entre a Lua e a Terra — parecia imóvel na superfície. No entanto, suas profundezas eram como um turbilhão efervescente, resistindo ser puxado de todo lado. Em seu interior, estourou algo pequeno e redondo como uma bexiga inflada, um ovo minúsculo, do tamanho de uma cabeça de alfinete, com

apenas um olho que fitava e se estendia para a frente, procurando o momento eterno de conexão, para ser esmagado no universo e dispersado por completo.

O rosto dela ficou vermelho à luz das velas e o pai pensou que ela estava tímida como qualquer moça de dezoito anos. Mas ela não tinha dezoito anos e não era uma moça. “O que significa ser uma moça?”, ela fez essa pergunta ao pai, à mãe e às colegas no necrotério. Quando o dr. Alauí ouviu a pergunta, penetrou o fórceps de metal na barriga aberta da mulher e segurou o útero: um triângulo pequeno de carne do tamanho de uma pequena pera, liso na superfície e enrugado no interior, a base para cima e o vértice para baixo.

Ele cravou os olhos azuis em seus olhos pretos e sorriu, mas ela não sorriu de volta. Então ele a puxou pela mão até a mesa ao lado e disse, em tom professoral: “Já o homem é isto”. E segurou com a extremidade do fórceps o membro masculino; ela viu um pedaço de pele preta enrugada como um excremento velho.

Quando voltou para casa, sentou-se diante da mãe, pediu que ela fitasse seu rosto por um longo momento e depois questionou: “Eu sou a Bahiya?”. A mãe soltou seu suspiro feminino eternamente reprimido e exclamou: “Deixe dessas asneiras, minha filha!”. A mãe não a compreendia, mas ela entendia a mãe. Quando fitava os olhos da mãe por um longo tempo, conseguia ver seu útero, enrolado e acorado na base de sua barriga. Ela observava seus músculos se contraindo e expandindo, numa pulsação rápida e contínua, como o pulso do mundo no calar da noite, num movimento invisível e imperceptível como o da Terra. Ela desejava apertar com toda a força aquele